XXV ANNO | PORTO, 1 DE NOVEMBRO DE 1903 | NUMERO 21

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO: —*5 de novembro: D. Antonio Barroso, Bispo do Porto.* —*Carta Encyclica de Sua Santidade o Papa Pio X* (conclusão). *Lyra Chrystã: A Pio X* (poesia), por A. Moreira Bello. — *Visão dos tempos antigos: As sete maravilhas do mundo* (continuação). — Apreciações Litterarias: *A Cathedral.* — As Nossas Gravuras. —De Tudo Um Pouco.—Retrospecto da Quinzena.

Gravuras:—*D. Antonio Barroso, Bispo do Porto; Claustro da Sé do Porto.*

D. ANTONIO BARROSO

BISPO DO PORTO

5 DE NOVEMBRO

D. ANTONIO BARROSO

BISPO DO PORTO

As paginas douradas da nossa Historia, epica e grandiosa como a das grandes nações, refulgem aureolados d'uma extranha luz, os nomes e os feitos de muitos varões que perpassaram atravez dos seculos sempre inapagaveis e immorredouros, e que ella tornára immortaes, d'essa immortalidade nobre e sublimada, que causa sempre extraordinaria admiração nas gerações futuras.

Assim, vêmos desfilar no pantheon das nossas glorias inclitos varões, em quem o culto das mais acrysoladas virtudes civicas tivera o mais devotado e entranhado ardor, quer na propaganda da Fé, quer na expansão do Imperio, fazendo com que esta pequena ourela oceanica fôsse uma nação grandiosa e como que arbitra da Europa d'então.

E essas mesmas virtudes civicas, que nós vemos tão bem iniciadas logo aos primeiros alvores da aurora de Portugal no inimitavel exemplo de lealdade dado por Egas Moniz ao rei de Leão, foram o emblema heraldico, o brazão, o modello unico que todos os portuguezes á porfia e com afan se esforçavam por imitar, se um tal feito fôsse susceptivel de emulação.

Assim, em plena Edade Media, quando todos os estados da Europa se degladiavam em luctas cruentas, de que quasi sempre resultavam enormes hecatombes humanas, Portugal por meio d'um sublime visionario lançava as suas vistas d'aguia do promontorio sacro para muito longe e deixava ir levadas pelo aquilão esses galeões de grande cruz vermelha nas suas velas infladas que a pouco e pouco foram trazendo á metropole esse grandioso imperio colonial portuguez d'outr'ora.

E podemos com orgulho dizer que foi grande o nosso poderio então, todo ganho palmo a palmo pelos nossos maiores, alcançado pela cruz e espada nas cinco partes do mundo, que viram assim tremular ao vento sobre o seu solo o victorioso pendão das quinas, ahi hasteado pelas mãos robustas dos nossos guerreiros e bastas vezes orvalhado com o seu sangue.

Heroes de mais alta envergadura moral e de mais inconcusso valor não os apresenta á nossa contemplação a antiga Grecia e Roma nos seus velhos fastos ou nas biographias de Plutarcho de que tanto se honra a historia d'estas nações antigas que os apontavam como prototypos.

O nosso Homero, cantando «os barões assignalados d'esta occidental praia luzitana» na estupenda odysseia dos *Luziadas*, levantou-lhes o mais indestructivel padrão, o soberbo e bronzeo monumento que arrostará impavido e sempre incolume as iras e as injurias dos homens e do tempo.

Depois—quão triste é dizel-o!—adormecemos lethargicamente sobre essas aureas paginas da nossa Historia, tão descuidosamente como Annibal na voluptuaria Cápua, e deixamos com a maior indolencia perder o que tanto e tanto nos custára.

Pouco a pouco intibiavam se os animos, murchavam os louros, corrompiam-se os costumes, perdia-se a fé, e, o que é mais, desapparecia a honra e brio nacional.

Como consequencia inevitavel de tudo isso vieranos primeiramente o jugo humilhante de Castella, e apoz elle toda essa via dolorosa que vergonhosamente e com irrisão vimos arrastando até aqui.

Valor, lealdade, devoção civica, amor da patria, todo esse nosso antigo apanagio parecia ter desapparecido dos peitos luzitanos, como se fôra planta exotica n'esta nossa terra portugueza.

Por isso quando vêmos como o resurgir d'um novo avatar d'um d'esses vultos homericos d'outr'ora, que causavam tanto espanto e admiração aos nossos avós que elles envolviam-nos nas nebulosidades dos Niebelungen e nas novellas de cavallaria, um frémito de admiração e respeito perpassa em nós, e nos empolga d'um enthusiasmo patriotico e delirante.

Parece vermos então n'uma visão longinqua como que renascer das ruinas poeirentas da patria uma nova era, aureolada com todos os resplendores d'um novo sol vivificante, e com elle todo o deslisar d'um extenso sequito de glorias, como gondola navegando sobre as aguas tranquillas dos canaes.

Sim, de quando em quando apparece-nos um portuguez que parece ser o fiel herdeiro das tradicções antigas, o lidimo depositario d'essa colossal herança historica, mostrando querer seguir impertérrito a senda gloriosa dos nossos maiores.

Serpa Pinto, Capello e Ivens, Silva Porto, Mousinho e todos esses denodados africanistas, a quem a patria tanto deve, não serão evocações e verdadeiros resurgimentos d'esses descobridores e batalhadores portuguezes dos mares orientaes e dos areaes africanos?

E entre elles não tem um logar proeminente o nome aureolado do antigo missionario Barroso, cuja longa estada no interior da nossa Africa fôra do maior proveito e lustre para a patria portugueza?

Não são vultos como estes que dão a gloria e a immortalidade a uma nação já apodada de moribunda, insufflando lhe uma nova vida, tornando a admirada no exterior pelo prestigio immenso que os cerca?

E nós vimos que, após uma colonisação proficua e um apostolado ardente, quando já era assaz conhecida de nós a obra patriotica do glorioso missionario portuguez, e elle vinha a Portugal n'uma calorosa propaganda mostrar a uberdade das terras africanas e as vantagens da sua exploração, a sua passagem fôra por toda a parte uma marcha triumphal, tapetada de flôres, acclamando-o e victoriando-o todos n'essa verdadeira apotheose com o maior enthusiasmo e delirio.

A nação o reconheceu e o futuro veio confirmar que não podiam deixar de ser proveitosos tantos trabalhos amontoados e tantas canceiras reunidas. A co-

lonisação africana tinha sido prégada por um verdadeiro e sincero apostolo e as riquezas do seu solo tinham sido bem delineadas em paineis magestosos por um inspirado artista.

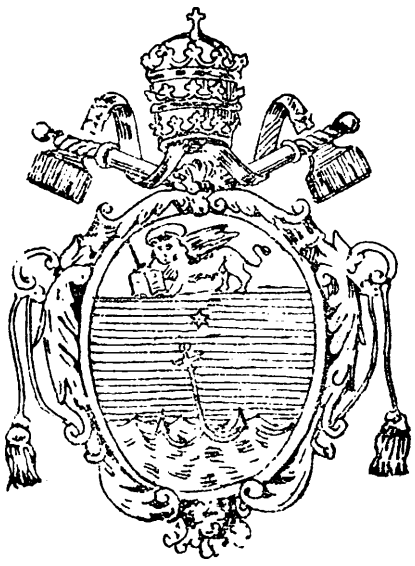
E não satisfeito ainda, sempre ardendo no sagrado fogo das mais nobres virtudes civicas, quizera ir de novo continuar a sua obra em prol da Religião e da Patria, extremamente solicito e cuidadoso para com o seu lemma tão glorioso, até que por fim a patria reconhecida para este seu dilecto filho, quizera-o junto de si, na diocese do Porto, para onde o chamou e onde lhe deu por intermedio d'esta cidade as maiores provas de affecto e estima que tão bem condizem com as suas antigas tradicções historicas.

E agora que se ha de dizer que não sejam pallidos reflexos se tentarmos fallar da sua benefica estada na Egreja portuense como seu Antistite, onde é estimado e respeitado intimamente por todos os seus subditos sem excepção.

E como ficariam empannadas as nuances por mais vivas que fôssem, se nos atrevessemos a debuxar o seu perfil entre o episcopado portuguez onde tem um logar brilhantissimo?

Não era esse, porém, o nosso intento; só tinhamos em vista n'este dia—5 de novembro - prestar homenagem á antiga fé e valor portuguez, tão bem personalisados na pessoa de S. Ex.ª Rev.ma, accentuando a sua data natalicia tão jubilosa para todos nós, que a patria, orgulhando-se, fará verdadeira a paraphrase do poeta: «Ditosa patria que taes filhos tem».

P.



Encyclica do Santo Padre Pio X

A todos os Patriarchas, Primazes, Arebispos, Bispos e outros ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica

PIO X, PAPA

Veneraveis Irmãos, Saude e Benção Apostolica

(CONCLUSÃO)

Appello aos Bispos

Taes são os principios que, para obedecer á sua divina vontade, Nos propomos applicar durante todo o Nosso Pontificado, com toda a energia da Nossa alma. O vosso papel, veneraveis irmãos, será secundar Nos com a vossa santidade, a vossa sciencia, a vossa experiencia e sobretudo o vosso zelo para gloria de Deus, «não visando senão formar Jesus Christo em todos.» Quaes os meios que conviria empregar para attingir tão elevado fim? Parece superfluo nomeal-os, pois que se apresentam por si mesmos ao espirito. Sejam os vossos primeiros cuidados formar Christo n'aquelles que, por dever da sua vocação, são destinados a formal-o nos outros. Queremos fallar dos Padres, veneraveis irmãos, porque todos aquelles que são honrados e amam o sacerdocio devem saber que teem entre os povos, com os quaes vivem, a mesma missão que Paulo confessava ter recebido quando pronunciava estas ternas palavras: «Meus filhinhos que eu criei de novo até que Christo se forme em vós» (1). Ora, como poderão cumprir um tal dever se não estiverem antecipadamente revestidos de Christo? E revestidos até poderem dizer com o apostolo: «Não sou eu que vivo, mas Christo que vive em mim (2). Para mim, Christo é a minha vida» (3).

Porisso, comquanto todos os fieis devam aspirar ao estado d'homem perfeito, á medida da edade da plenitude de Christo (4), esta obrigação pertence principalmente áquelle que exerce o ministerio sacerdotal. Porisso é chamado «um outro Christo», não sómente porque participa dos poderes de Jesus Christo, mas porque deve imitar as suas obras, e, por isso, «reproduzir em si a sua imagem.»

Se assim é, veneraveis irmãos, quam grande não deve ser a vossa solicitude para formar o clero na santidade! Nenhum negocio ha que deva ceder o logar a este. E a consequencia é que o melhor e o principal do vosso zelo deve incidir sobre os vossos seminarios para introduzir n'elles tal ordem e assegurar lhes um governo tal que ahi se veja florir, par a par, a integridade do ensino e a santidade dos costumes. Fazei do seminario as delicias do vosso coração e nada desprezeis do que o Concilio de Trento prescreveu, na sua alta sabedoria, para garantir a prosperidade d'essa instituição. Quando chegar o tempo de serem promovidos ás santas ordens os jovens candidatos, ah! não esqueçaes o que escrevia S. Paulo a Thimotheo: «Não impunhaes precipitadamente as mãos a ninguem» (5), convencendo-vos de que, as mais das vezes como forem aquelles que sejam admittidos ao sacerdocio, taes serão tambem, no futuro, os fieis confiados á sua solicitude. Não tenhaes em consideração nenhum interesse particular, de qualquer natureza que seja; tende unicamente em vista Deus, a Egreja, a felicidade eterna das almas, afim d'evitar como nos adverte o Apostolo, que participemos «os peccados d'outrem.» (6).

Além d'isso, necessario é que os novos Padres que saem do Seminario, não escapem, por isso ás solicitudes do vosso zelo. Apertae-os, instantemente vol-o recommendamos, apertae os frequentes vezes ao vosso coração, que deve arder d'um fogo celeste, acalentae-os, inflammae-os, afim de que só aspirem a Deus e á conquista das almas.

Quanto a Nós, veneraveis irmãos, vigiaremos com o maior cuidado para que os membros do clero não se deixem surprehender nas manobras insidiosas d'uma certa sciencia nova que se adorna com a mascara da verdade e onde se não respira o perfume de Jesus Christo, sciencia mentirosa que, valendo-se d'argumentos enganadores e perfidos, se esforça em preparar o caminho aos erros do racionalismo ou semi racionalismo e contra a qual o apostolo advertia já o seu querido Timotheo que se pre-

(1) Gal., IV, 19.

(2) *Ibid.*, II, 20.
(3) Philip., 1, 21.
(4) Ephes., IV, 3.
(5) I Tim., V, 22.
(6) *Ibid.*

munisse, quando lhe escrevia: «Guarda o deposito, evitando as novidades profanas na linguagem, bem como as objecções d'uma sciencia falsa, cujos partidarios, com todas as suas promessas, desfalleceram na fé.» (1).

Não quer isto dizer que Nós não julguemos dignos de elogios esses jovens Padres que se consagram a uteis estudos em todos os ramos da sciencia e se preparam assim para melhor defenderem a verdade e refutarem mais victoriosamente as calumnias dos inimigos da fé. Não podemos todavia dissimular e até o declaramos mui francamente, que as Nossas preferencias são e serão sempre para aquelles que, sem desprezarem as sciencias ecclesiasticas e profanas, se consagram mais particularmente ao bem das almas no exercicio de diversos ministerios que pertencem ao Padre animado de zelo pela honra divina.

Necessidade do ensino religioso

«E' para o nosso coração uma grande tristeza e continua dôr» (2) reconhecer que se pode applicar aos nossos dias esta queixa de Jeremias: «As creancinhas pediram pão e não havia quem lh'o désse» (3). Não falta, com effeito, no clero quem, cedendo a gostos pessoaes dispense a sua actividade em cousas d'uma utilidade mais apparente que real, ao passo que, talvez menos numerosos, são aquelles que, a exemplo de Christo, tomam para si as palavras do propheta: «O Espirito do Senhor me deu a uncção; enviou-me a evangelisar os pobres, a curar aquelles que teem o coração dilacerado, a annunciar aos captivos a libertação e a luz aos cegos (4)» E todavia ninguem ignora, pois que o homem tem por guias a razão e a liberdade, que o principal meio de render a Deus o seu imperio sobre as almas é o ensino religioso.

Aquelles que são hostis a Jesus Christo, teem horror á Egreja e ao Evangelho, mais por ignorancia do que por malicia; e d'elles se pode dizer: *Blasphemam tudo o que ignoram.* (5) Estado d'alma que se reconhece não sómente no povo e no seio das classes mais humildes, a quem a sua mesma condição torna mais accessivel ao erro, mas até nas classes elevadas e entre aquelles mesmos que possuem instrucção pouco commum. D'ahi, em muitos, o enfraquecimento da fé; porque é mister não admittir que sejam os progressos da sciencia que a abafem, é antes a ignorancia; de modo tal que, onde a ignorancia é maior, maiores estragos faz a incredulidade.

Foi porisso que Christo deu aos apostolos este preceito: *Ide e ensinae todas as nações* (6).

O espirito de mansidão

Mas para que o zelo em ensinar produza os fructos que d'elles se esperam e sirva para *formar* em todos o *Christo*, o que ha de mais efficaz é a caridade; gravemos isto bem na nossa memoria, veneraveis irmãos, porque *o Senhor não está na commoção* (7). Balladamente se esperará attrahir as almas a Deus por um zelo impregnado d'amarguras; censurar duramente os erros e reprehender os vicios com aspereza, causa frequentes vezes mais prejuizos do que proveito. E' verdade que o apostolo, exhortando Timotheo, lhe dizia: *accusa, supplica, reprehende*, mas accrescenta: *com toda a paciencia* (8).

Não ha nada mais em conformidade com os exemplos que Jesus Christo nos deixou. Foi elle que nos dirigiu este convite: «Vinde a mim, vós todos que soffreis e que gemeis sob o peso, e eu vos alliviarei.» (1) E, no seu pensamento, estes enfermos e estes opprimidos eram os escravos do erro e do peccado.

Que mansidão, com effeito, n'este divino Mestre! Que ternura, que compaixão para com todos os desgraçados! O seu divino Coração é-nos admiravelmente pintado por Isaias n'estes termos: «Assentarei sobre elle o meu espirito; elle não contestará nem levantará a voz; nunca acabará de quebrar a canna semi partida nem extinguirá a mecha ainda fumegante...» (2) Esta caridade *paciente e benigna* (3) deverá ser usada para com aquelles mesmos que são nossos adversarios e nossos perseguidores. Elles maldizem-nos, assim o proclamava S. Paulo, e nós bemdizemo-los; elles perseguem-nos e nós supportamo-los; elles blasphemam e nós oramos» (4). Talvez, apezar de tudo, se mostrem peores do que são. O contacto com os outros, os preconceitos, a influencia das doutrinas e dos exemplos, emfim o respeito humano, conselheiro funesto, os alistaram no partido da impiedade; mas, no fundo, a sua vontade não é tão depravada como se aprazem em fazer crêr. Porque não havemos de esperar que a chamma da caridade dissipe emfim as trevas da sua alma e faça reinar n'ella, com a luz, a paz de Deus? Por vezes, o fructo do Nosso trabalho talvez se faça esperar; mas a caridade não cança, persuadida de que Deus mede as suas recompensas, não pelos resultados, mas pela boa vontade.

O dever das associações entre catholicos

Entretanto, veneraveis irmãos, não é de modo algum Nosso pensamento que, n'esta obra tão ardua da renovação dos povos por Christo, vós e o vosso clero fiqueis sem auxiliares. Sabemos que Deus recommendou a cada um o cuidado do seu proximo (5). Não são, pois, sómente os homens revestidos do sacerdocio, mas todos os fieis sem excepção, que devem dedicar-se aos interesses de Deus e das almas; não, certamente, cada um segundo as suas vistas e tendencias, mas sempre sob a direcção e segundo a vontade dos Bispos; porque o direito de mandar, de ensinar, de dirigir, não pertence na Egreja a ninguem senão a vós, *estabelecidos pelo Espirito Santo para reger a Egreja de Deus.* (6)

Associarem-se os catholicos para fins diversos, mas sempre para o bem da religião, é obra que, desde longos tempos, tem merecido a approvação e as bençãos dos Nossos Predecessores. Nós tambem não hesitamos em louvar tão bella obra e desejamos ardentemente que ella se espalhe e floresça por toda a parte, tanto nas cidades como nas villas e aldeias. Mas ao mesmo tempo, entendemos que estas associações devem ter por primeiro e principal objecto fazer que aquelles que n'ellas entram cumpram fielmente os deveres da vida christã. Importa pouco, em verdade, agitar subtilmente multiplas questões e dissertar com eloquencia sobre direitos e deveres, se tudo não tem como resultado a acção.

A acção, eis o que os tempos presentes reclamam; mas uma acção que leve sem reservas á observancia integral e escrupulosa das leis divinas e das prescripções da Egreja, á profissão franca e ardorosa da religião, ao exercicio da caridade sob todas as suas formas, sem enfraquecimentos nem com a mira em vantagens terrestres. Brilhantes exemplos d'este genero, dados por muitos soldados de Christo, mais depressa abalarão e arrastarão as almas do que a multiplicidade das palavras e a subtileza

(1) I Tim., VI, 20 et seq.
(2) Rom., IX, 2
(3) Thren., IV, 4.
(4) Luc., IV, 18-19.
(5) Jud., II, 10.
(6) Math, XXIII, 19.
(7) III Reg., XIX, 11.
(8) II Tim, IV, 2.

(1) Matth, XI, 28.
(2) Is., XLII, 1 et seq.
(3) I Cor., XIII, 4.
(4) Cor., IV, 12 et seq.
(5) Eccl., CVII, 12.
(6) Act., XL, 28.

das discussões; e vêr-se-hão, sem duvida, multidões d'homens calcarem aos pés o respeito humano, desprenderem-se de todos os preconceitos e de todas as hesitações, adherirem a Christo e promoverem, por sua vez, o seu conhecimento e o seu amor, penhor de v rdadeira e solida felicidade.

Felizes effeitos sociaes da observancia da lei divina

No dia que em cada cidade, em cada povoação a lei do Senhor seja cuidadosamente guardada, as cousas santas rodeadas de respeito, os sacramentos frequentados, n'uma palavra, honorificado tudo o que constitue a vida christã, nada mais faltará, veneraveis irmãos, para que contemplemos a restauração de todas as cousas em Christo. E não se creia que tudo isto importa sómente á acquisição dos bens eternos; os interesses temporaes e a prosperidade publica sentirão tambem os beneficos effeitos d'isto; porque, obtidos estes resultados, os nobres e os ricos serão justos e caritativos para com os pobres, e estes supportarão na paz e na paciencia as privações da sua condição pouco afortunada, os cidadãos obedecerão, não ao arbitrio, mas ás leis; todos considerarão como um dever o respeito e o amor para com aquelles que governam e cujo *poder só vem de Deus* (1).

As reivindicações da Egreja

Mais ainda. Desde então, a todos será manifesto que a Egreja, como foi instituida por Jesus Christo, deve gozar de plena e inteira liberdade e não estar submettida a nenhuma dominação humana; e que Nós mesmo, reivindicando esta liberdade, não sómente salvaguardamos os sagrados direitos da religião, mas provemos tambem ao bem commum e á segurança dos povos: *a piedade é util a todos* (2) e onde ella reina, o *povo está verdadeiramente assen e* na plenitude da paz (3).

As orações do Rosario

Oxalá que Deus, *rico em misericordia* (4), apresse, na sua bondade, esta renovação do genero humano em Jesus Christo, pois não é obra *nem d'aquelle que quer, nem d'aquelle que corre*, mas do Deus das misericordias (5). E todos nós, veneraveis irmãos, peçamos-lhe esta graça *em espirito d'humildade* (6) por uma prece instante e continua, apoiada nos meritos de Jesus Christo.

Recorramos tambem á intercessão poderosissima da divina Mãe. E para a obter mais largamente, aproveitando a occasião n'este dia em que vos dirigimos estas lettras, dia que foi instituido para solemnisar o santo Rosario, confirmamos todas as determinações pelas quaes o Nosso predecessor consagrou o mez d'outubro á augusta Virgem e prescreveu em todas as egrejas a recitação publica do Rosario. Exhortamo-vos, além d'isso, a tomar tambem por intercessores o purissimo Esposo de Maria, padroeiro da Egreja catholica, e os principes dos apostolos, S. Pedro e S. Paulo.

Para que tudo isto se realise segundo os nossos desejos e para que todos os vossos trabalhos sejam coroados d'exito, imploramos sobre vós, em grande abundancia, os dons da graça divina. E, como testemunho da caridade em que nos abrazamos, a vós e a todos os fieis confiados aos vossos cuidados pela divina providencia, Nós vos concedemos em Deus, de todo o coração, veneraveis irmãos, assim como ao vosso clero e ao vosso povo, a benção apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 4 d'outubro de 1903, primeiro do Nosso pontificado.

PIO X, PAPA.

(1) Rom., XIII, 1.
(2) I Tim., IV, 8.
(3) Ps. XXXII, 18.
(4) Ephes., II, 4.
(5) Rom., IX, 16.
(6) Dan., III, 39.

LYRA CHRISTÃ

A Pio X

(Por occasião da sua primeira Encyclica)

Fallastes, Pae sagrado, á christandade,
Que com respeito e amor vos escutou:
Desceu sobre ella o róscio da verdade,
Que a voz de Pedro em vossa voz soou.

Consagrastes a nitida memoria
Do portentoso Leão, vulto immortal;
Exulta a christandade, nova gloria
Vendo lhe ornar a c'rôa sideral.

Ante o mal que corróe a especie humana,
Comvosco se aterrou, se commoveu;
Mas tambem medicina soberana
Comvosco espera, vinda do alto Ceo.

O fim supremo que a alma vossa almeja,
E' para ella incitamento e luz:
«Restaurar tudo em Christo, a fim que seja,
Em tudo, tudo o Salvador Jesus!»

Tomar divisa tão sublime e santa
Quadra ao Vigario impavido de Deus:
Por isso a christandade a vós levanta
Com firme confiança os olhos seus.

Vós lhe infundis o alento da esperança,
Mas exigis do seu concurso mais:
Obras, labor sollicito, que alcança
Exitos salutares, triumphaes.

Se nos campos da fé brota a ignorancia,
Copiosa origem de tremendo mal,
Recommendaes ardente, com instancia,
Semente da doutrina divinal;

Mas que o zelo não seja aspero e rudo,
Por que se expanda em fructos a intrucção;
Reine a celeste caridade em tudo,
O espirito vital da mansidão.

Cumpre ao christão, quer só, quer associado,
A lei divina com fervor cumprir:
E'-lhe a Egreja pharol no alto arvorado,
Para a via do ceo fiel seguir.

Ore, ore com ardor, ore incessante,
Por que se extinga o vendaval tenaz.
Por que de Pedro a barca triumphante,
Alfim veleje em mar de sol e paz.

E recorra á Advogada poderosa,
Que é Mãe dos homens como é Mãe de Deus,
Pois é clemente, é doce, é piedosa,
Cheia de infindo amor aos filhos seus.

Fallastes, Pae sagrado, á christandade,
Que com respeito e amor vos escutou:
Desceu sobre ella o róscio da verdade,
Que a voz de Pedro em vossa voz soou.

Lisboa,—Outubro de 1903. A. MOREIRA BELLO.

VISÃO DOS TEMPOS ANTIGOS

As sete maravilhas do mundo

II

O Pharol d'Alexandria

Menos estaveis, as outras «maravilhas» desappareceram por completo ou apenas deixaram de si vestigios difficeis de reconhecer. No emtanto, podemos admiral as nas descripções que d'ellas nos deixaram os seus contemporaneos e cuja precisão é de tal modo perfeita que é possivel reconstituir-se com uma fidelidade real a imagem d'estas obras primas. O exemplo do pharol d'Alexandria nos mostrará como os antigos sabiam embellezar aquillo que, na sua concepção primeira, não devia ser mais que uma obra util.

Nos quatro seculos, que precederam a era christã, foi um centro de civilisação importante e um porto mercante dos mais ricos esta cidade egypcia de Alexandria. No tempo da sua maior prosperidade, não contava menos de 20:000 casas. Por um capricho dos seus habitantes, estes edificios baixos e quadrados, de marmore branco, não se mostravam regularmente alinhados. De sorte que o sol, dardejando os seus raios sobre estas massas resplandecentes diversamente orientadas, produzia mil jogos de luz n'um tiroteio magnifico. Era ao pôr do sol que Alexandria offerecia o mais curioso espectaculo. Cambistas, mercadores, letrados, peralvilhos vinham todos então respirar o ar fresco pelos seus caes, á beira-mar.

Vendedeiras de fructa passavam, offerecendo, com pregões, figos e amoras. Depois, tocadoras de flauta, o orgulho de Alexandria, chegavam por sua vez D'uma ponta á outra do molhe, reinava um tumulto confuso e alegre. Os estrangeiros acotovellavam-se e interpellavam-se nas suas respectivas algaravias. Todos esqueciam os seus cuidados e as suas preoccupações materiaes para se innebriarem com esta symphonia de luz e de jubilo como era Alexandria ao cahir da tarde d'um dia bello.

Infelizmente, o mar n'estas paragens era pouco seguro, e as embarcações desfaziam-se a miude na sua costa eriçada de penedos. Quando a escuridão cerrada surprehendia os navegantes sobre o mar encapellado, tinham mil razões então para se inquietarem. Sem bussola e sem carta, os marinheiros na antiguidade só tinham por unica guia a Ursa menor. Quando este signal lhes faltava corriam então os maiores perigos.

Os naufragios eram frequentes. Quasi sempre no dia seguinte ao d'uma tempestade, as vagas rolavam pela areia, nas visinhanças de Alexandria, salvados de toda a especie, testemunhas d'uma catastrophe recente.

Ptolomeu Philadelpho, que reinava na primeira metade do seculo III, antes de Christo, resolveu vir em auxilio dos navegadores, cujo commercio constituia a riqueza da sua capital. Por ordem sua, construiu-se na ilha de Pharos, que fecha o porto de Alexandria, uma «torre de fogo» colossal, d'onde provém o nome de «pharol» dado aos monumentos copiados d'elle. O pharol de Alexandria, formado por varias torres abobadadas, sobrepostas umas ás outras, era, como as casas da cidade, de marmore branco. Erguia-se até uma altura de 160 metros approximadamente (12 metros a mais que a flecha da cathedral de Strasburgo). A construcção d'este magnifico edificio não tinha custado menos de 800 talentos (4 milhões e meio na moeda franceza).

O pharol de Alexandria terminava por uma pyra coberta onde ardia noites e dias uma immensa fogueira de lenha. Avistava-se este pharol a 80 kilometros ao largo. Quantos marinheiros não lhe deveram a vida salva!

Muito antes de chegarem ao porto, já estes distinguiam ao longe o fim do seu caminho. A luz amiga da torre de Pharos tranquillisava-os e atrahia-os. Curvados sobre os remos, acceleravam instinctivamente o rythmo das suas remadas. E, pouco a pouco, a silhueta gigantesca da torre de Pharos emergia mais nitidamente d'entre os nevoeiros. Alguns esforços ainda e deante d'elles erguiam-se as cadeias que fechavam o porto. Uma sentinella conservava se alli permanentemente; era preciso parar e cumprir certas formalidades. Então as cadeias cahiam e a nau entrava no porto. A embarcação tomava logar na fila das outras que se encontravam já no porto e cujos remos paralellos pendiam sobre a agua, semelhando as azas d'uma ave morta.

Comtudo, ao longe, um rumor nascia. Era o despertar de Alexandria. O vertice do pharol desapparecia em uma enorme nuvem de fumo. E o dono da embarcação que acabava de entrar, esquecendo o seu somno e a sua fadiga, calculava já os lucros que esta viagem ia dar lhe ..

APRECIAÇÕES LITTERARIAS

A Cathedral

Huysmans é, sem contestação, um dos primeiros escriptores francezes e um dos mais idoneos representantes da moderna orientação litteraria.

O seu processo de escrever denuncia-se logo na precisão das narrativas, no colorido das descripções, na minucia dos detalhes e na naturalidade do entrecho: tudo é fiel, veridico, impressionante e subjugador.

Quer o consideremos apologista do realismo, quer o encaremos como mystico converso, é indifferente, sob o ponto de vista litterario. Lá está sempre, bem clara, a tendencia radical para o que chamam a verdade na arte.

«A Cathedral» é justamente considerada uma das suas melhores producções. A sua apparição no mundo das lettras foi sensacional e trouxe ao seu auctor a notoriedade, como escriptor catholico, que o affastamento da litteratura profana prestes estava a apagar de todo.

E', na realidade, uma obra prima esse livro «A Cathedral». Jámais escriptor algum conseguiu dar uma ideia tão vasta, tão poetica e tão elevada do complicado symbolismo catholico romano.

«A Cathedral» traduz-nos, no mais elegante estylo, os enygmas que a curiosidade de Durtal descobriu na polychromia dos vitraes, na magestade das arcadas e dos porticos, no embrechado dos mosaicos, no rendilhado das ediculas, na extensão das naves, nos braços do transepto, na curva da abside! Toda essa mole parece um livro aberto, a contar virtudes de santos, torturas de martyres, as visões dos prophetas, as lições dos Evangelistas, o amor da Virgem, a omnipoteneia de Deus.

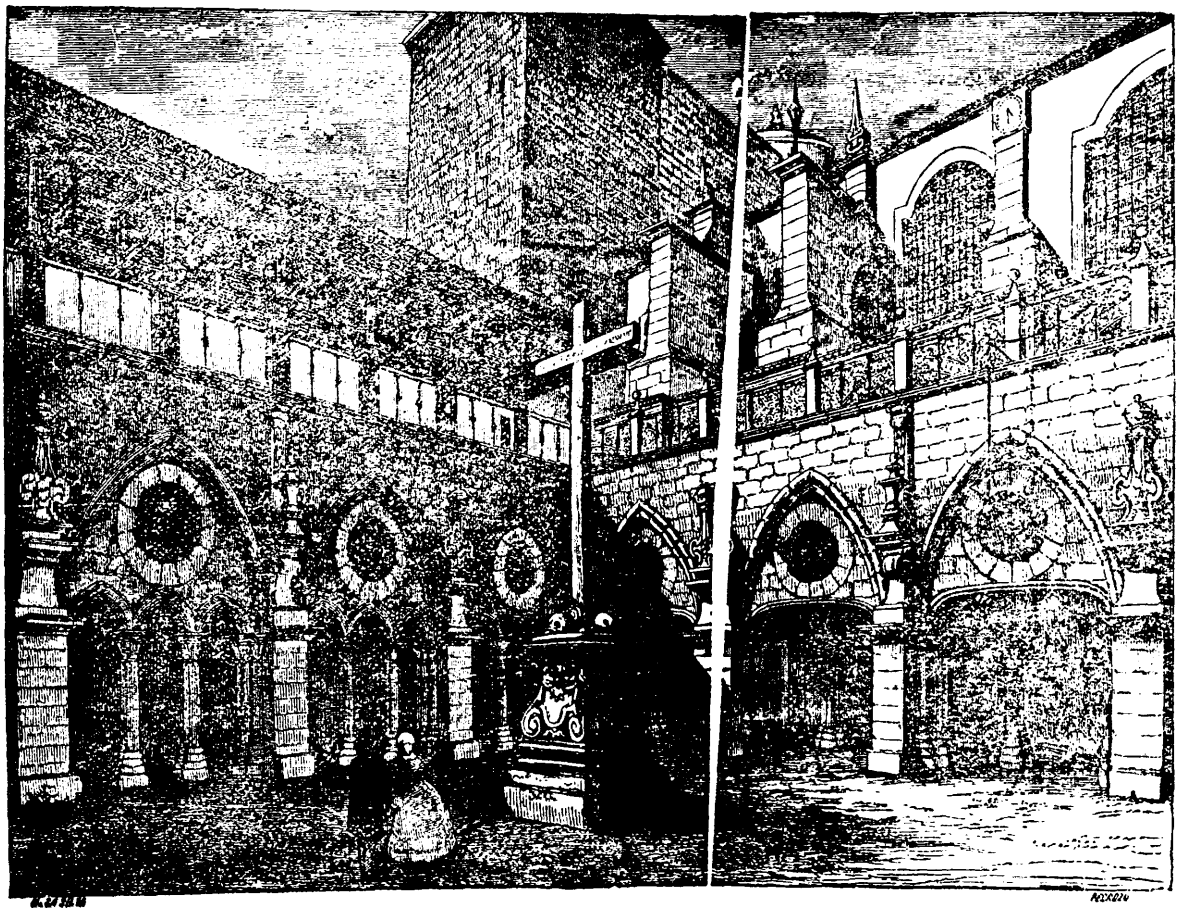
E' sublime essa linguagem muda e serena dos monumentos christãos, tão rica em expressões, tão fertil na traducção dos pensamentos; mas é preciso que a curiosidade d'um Durtal a interprete e comprehenda.

Huysmans revelou-se, na «Cathedral», um profundo

observador, um versado nos mysterios da archeologia e um consummado artista na fórma porque, apossando-se do conjuncto observado, consegue, depois, reproduzil-o com a pasmosa fidelidade d'uma pintura.

Ora este primor da litteratura moderna, unico na litteratura religiosa—«A Cathedral»—acaba de ser posto em edição pelo nosso amigo snr. José Pereira de Castro, que confiou o espinhoso trabalho da traducção do original francez ao nosso amigo e distincto academico snr. Bellarmino Pereira.

A traducção foi feita acuradamente, sendo impossivel exigir melhor: está magnifica, inexcedivel mesmo.



Claustro da Sé do Porto

A parte material da obra é boa, até luxuosa: optimo papel, impressão esmerada e acabamento perfeito.

Desejamos, e é de esperar, que a edição seja rapidamente consummida; e bem o merece o snr. Castro que tão arrojadamente se defrontou com a limitação e pouca curiosidade do nosso meio litterario. Poucos editores fariam, como o snr. Castro, que significou, com successivas edições das obras de Huysmans, a sua admiração pelo brilhante litterato francez.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

(Da *Estrella Povoense*, da Povoa de Varzim).

AS NOSSAS GRAVURAS

O Tzar e a Tzarina

(Vide n.º anterior)

A nossa gravura representa o imperador da Russia Nicolau II e a imperatriz Alice de Hesse.

Este soberano, que tem poder absoluto sobre a maior nação da Europa, tornou se celebremente sympathico ha alguns annos ainda pelo seu sonho utopico da paz universal por meio do «desarmamento geral».

Eis os seus traços biographicos:

Nicolau Alexandrewitch nasceu a 18 de maio de 1868.

Depois de ter recebido uma educação esmeradissima, seu pae associou-o a alguns trabalhos, nomeando-o, em 1888, membro do conselho do imperio. Para poder completar a sua educação, obteve, em 1890, do imperador Alexandre auctorisação para effectuar uma viagem ao redor do mundo em companhia de seu irmão, o gran-duque Jorge, o principe Jorge da Grecia, seu primo, e alguns amigos.

Percorreu successivamente a Grecia, o Egypto, as Indias, e o Japão, onde, a 23 de abril de 1891, em Ohots, perto de Kioto era ferido na cabeça com um golpe de sabre por um agente de policia fanatico e salvo graças á corajosa presença de espirito do principe Jorge da Grecia. D'aqui partiu para S. Petersburgo por onde entrou pelas provincias siberianas.

Em 1894, por morte de seu pae, subia ao throno, e casava no mesmo anno com a princeza Alice de Hesse.

A princeza Alice de Hesse nasceu em Darmstadt a 6 de junho de 1872, e é a ultima das irmãs do gran-duque reinante de Hesse—Darmstadt, Luiz Ernesto. E' filha do gran-duque Luiz IV, fallecido em 1892, e da princeza Alice, filha da rainha Victoria de Inglaterra, morta em 1878.

Tem tres irmãs. A mais velha, a princeza Victoria, desposou em 1884 o principe Luiz de Battenberg; a segunda, a princeza Isabel, casou a 15 de junho de 1884 em S. Petersburgo com o gran-duque Sergio da Russia, irmão do imperador defunto Alexandre III, e tio por con-

seguinte do actual Tzar, Nicolau III. A terceira, a princeza Irene, desposou a 24 de maio de 1888 o principe Henrique da Prussia, irmão do imperador Guilherme.

A imperatriz da Russia, é portanto, neta da rainha Victoria, cunhada do gran-duque Sergio da Russia e do irmão do imperador da Allemanha.

A nossa gravura do n.º anterior representa o Tzar e a Tzarina em trajes nacionaes do seculo XVII, que costumam usar nas grandes solemnidades.

O vestido, que é d'um valor incalculavel, pesa 33 kilogrammas.

Santa Cecilia

Pesava ainda sobre Roma o despotismo e a tyrannia dos Cezares, e já o sol formosissimo da Religião divina de Jesus innundava as ruas da cidade que se chamava capital do mundo, penetrava na esplendida morada dos patricios e fazia coar atravez das opulentas e esbeltas janellas do palacio imperial um raio de luz, que ensoberbecia o tyramno umas vezes, e outras o fazia receiar pela segurança do imperio.

Era n'estes tempos, quando os christãos haviam sahido das catacumbas, que uma formosa choreia de Virgens, ao Senhor consagradas, pejava já as ruas da cidade eterna, e mostrava, nos salões onde se ostentava o vicio, o luxo e o orgulho das cortezãs, a flôr mais bella do catholicismo—a castidade.

Eram olorosas flôres que embalsamavam aquelle antro pestifero de devassidão e tyrannia; eram as sementes que haviam de produzir no nosso seculo mais de 200 milhões de catholicos.

Um d'estes anjos, uma d'estas flôres era Cecilia, filha de opulenta familia e que estava destinada para desposar um rico patricio. Cecilia, porém, era christã, havia-se consagrado ao Deus que pelos homens havia padecido, e por isso, impossivel seria o seu enlace com um homem que se curvava diante do Cezar.

Um dia, o palacio dos paes de Cecilia trasbordava de riqueza, opulencia e luxo; as arte mostravam os seus mais bellos trabalhos nos vasos, nos moveis, nos crystaes, n'uma palavra, em tudo o que o bom gosto havia amontoado n'aquella casa esplendida. Havia festa para a qual fôra convidado tudo quanto em Roma havia de grande, porque se pretendia firmar o contracto de casamento entre Cecilia e Valeriano.

Um concerto admiravel de sons se fazia escutar nas salas patricias, concerto que a todos arrebatava, que a todos tinha extaticos. Cecilia, formosa, de um espirito maravilhoso, e amante d'essa arte divina, que os anjos professam—a musica, estava, como todos, extatica, ouvindo as formosas harmonias, e quando ellas mais se apreciavam, quando mais arrebatavam os convivas, ella, a formosa Virgem, toma pela mão o noivo que lhe destinavam, leva-o a sitio mais retirado e, quando o concerto das salas findou, apontou para o Céu e mostrou ao esposo promettido um outro côro, um côro de anjos, que continuava com harmonias celestes a enlevar os corações dos dois jovens.

Ouvis? lhe disse a Virgem, são as harmonias do céu que festejam as minhas nupcias com Aquelle a quem dei o coração. Sede, como eu, christão, abraçae a Religião divina de Jesus e tereis á hora da morte um côro de anjos a acompanhar vos ao céu, onde em breve me recolherei depois de receber o martyrio que está prestes.

Valeriano foi tocado da graça divina, recebeu as aguas do baptismo, entregou a Cecilia os seus numerosos haveres, que ella distribuiu pelos pobres, merecendo por isso a colera do imperador que não tardou em mandal-a martyrisar.

Depois da sua morte, quando estava o cadaver para ser sepultado, ouviu-se um concerto admiravel de vozes e instrumentos musicos que saudavam a chegada de mais uma virgem ao seio do Senhor. E' esta scena que a nossa gravura representa, copia d'um quadro de Vriendt.

A Egreja festeja esta santa martyr no dia 12 de novembro, e os musicos de todo o mundo catholico a tem por padroeira.

DE TUDO UM POUCO

O "Dies iræ,,

Aos primeiros accordes applicados sobre o teclado dos orgãos, Durtal reconheceu o «Dies iræ», o hymno desesperado da Edade Media; instinctivamente abaixou a fronte e escutou.

Elle não é, como o «De profundis», uma supplica humilde, uma dôr que se julga ouvida, que distingue, para caminhar na sua noite, um atalho de clarões; não é a oração cheia de esperança para não tremer, é antes o grito da desolação absoluta e do terror.

E, com effeito, a colera divina soprava como a tempestade n'estas estrophes. Ellas pareciam dirigir-se menos ao Deus de misericordia, ao exoravel Filho, do que ao inflexivel Pae, A'quelle que o Antigo Testamento nos mostra torvo de furor, mal apaziguado pelas fumigações das fogueiras, pelos incomprehensiveis atractivos dos holocaustos. N'este cantico, Elle se alevanta, mais feroz ainda, porque ameaçava soltar as aguas, esboroar os montes e fender a golpes de raios os oceanos do céu. E a terra espavorida gritava de medo.

Era uma voz crystallina, uma voz clara de creança que clamava no silencio da nave o annuncio dos cataclysmos; e depois d'ella, o chantre cantava novas estrophes em que o implacavel Juiz vinha entre os estampidos pungentes das trombetas purificar pelo fogo a sanie do mundo.

Depois, por sua vez, um violoncello profundo, abobadado, como sahido dos subterraneos da egreja, sublinhava o horror d'estas prophecias, aggravava o espanto d'estas ameaças, e, após uma curta repetição do côro, um violino as repetia, particularisava-as ainda; e então, quando o terrivel poema tinha esgotado a narração dos castigos e das penas, no timbre agudo, na voz de falsete d'um rapazinho, o nome de Jesus passava e era como que uma aberta n'esta tromba maritima; o universo anhelante pedia perdão, relembrava por todas as vozes da capella as misericordias infinitas do Salvador e a sua graça, conjurava-o a absolvel-o como outr'ora perdoou ao ladrão penitente e á peccadora de Magdala.

Mas, na mesma melodia desolada e tenaz, a tempestade redobrou de furia, innundava com as suas vagas as plagas infinitas do céu, e os solos continuavam exanimes, cortados pelas entradas lacrimosas do côro, encarnando com a diversidade das vozes as condições especiaes das vergonhas, os estados particulares dos transes, as edades differentes das lagrimas.

No final, quando, misturadas e confundidas, estas vozes tinham levado por sobre as grandes aguas do orgão todos os fragmentos perdidos das dôres humanas, todas as boias das orações e das lagrimas, ellas tornavam a cahir extenuadas, paralysadas pelo espanto, gemiam em suspiros de creança que esconde a face,

balbuciavam o «Dona eis requiem», e terminavam esgotadas por um amen tão gemente que expirava, semelhante a um leve resfolegar por cima dos soluços do orgão.

—Que homem tinha podido imaginar taes desesperos, sonhar taes desastres? e Durtal respondia a si mesmo: ninguem.

J. K. Huysmans. («A Caminho»).

Calendario.

Novembro 1 1903

Morte do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, em 1431.

O nosso grande epico chamou a D. Nuno o *açoute de soberbos castelhanos*, e, com effeito, ninguem como o condestavel soube mostrar o que era o valor portuguez em peitos inflamados pelo santo amor da patria.

Foi a batalha dos Atoleiros a primeira em que D. Nuno mostrou a pujança do seu animo varonil; mas a de Aljubarrota, que fez perder de todo ao monarcha hespanhol as esperanças de dominar só na peninsula, foi aquella em que mais se distinguiu, contribuindo efficazmente para a insigne victoria que as nossas armas então alcançaram.

Conseguida aquella victoria, não lhe consentiu o animo estar ocioso, e, entrando por Castella dentro, foi derrotar os inimigos da patria, em Valverde.

Em recompensa de taes e tão assignalados serviços, D. João I doou-lhe varias terras e fel-o conde de Barcellos, sendo o já de Ourem. Convencionada uma tregua entre as duas corôas, portugueza e castelhana, retirou-se D. Nuno para as suas terras; mas em breve teve de tomar novamente as armas, porque os castelhanos quebraram o contracto, e não hesitou em ir oppôr aos antigos inimigos a sua espada.

Acompanhou D. João I na conquista de Ceuta, e quiz el rei fazel-o governador d'aquella praça; mas o condestavel escusou-se, dando como pretexto os annos e as enfermidades; e, quando voltou á patria, foi depôr junto dos altares, no claustro do convento do Carmo em Lisboa, que edificara, a espada invicta, as honras e as riquezas, em 17 de agosto de 1422. Ahi, não obstante a sua qualidade, quiz apenas ser admittido como *servente*, na edade de sessenta e tres annos, e veste o habito em 15 de agosto de 1423.

O que, por humildade, recebeu o condestavel consistiu em uma tunica talar com grande escapulario, e um manto curto, que mais parecia uma grande murça, tudo de um panno escuro que n'aquelle tempo se chamava *grisé* e depois estamenha. Por largo tempo se guardou, como especial reliquia, boa porção d'essa murça no thesouro da casa de Bragança.

Então entregou o seu testamento nas mãos do prelado como demonstração da renuncia que fizera dos bens da terra, adoptando o humilde nome de Nuno de Santa Maria.

Mandou-lhe el-rei pedir que voltasse ao mundo ou que ao menos conservasse os seus titulos até á morte: — « *O condestabre já está morto e amortalhado!*» respondeu o servo de Deus. Oito annos e onze mezes viveu o condestavel no convento do Carmo, em Lisboa, e ao morrer foram as suas derradeiras palavras: —*Ecce filius tuus!*

Curiosidades:

São muitos (quasi innumeraveis) os nomes que na Sagrada Escriptura se encontram para designar a pessoa de Jesus Christo; eis, pois, os principaes que alli se lêem mais frequentemente:

1. Jesus (**Salvador**—*Vocabis nomen ejus Jesum).*
2. Christo (**Ungido** – *Qui est Christus*).
3. Messias (**Enviado**—*Scio quia Messias venit).*
4. Verbo encarnado—(*Verbum caro factum est).*
5. Manuel ou Emmanuel—(Deus comnosco—*Vocabitur nomen ejus Emmanuel*).
6. Deus.
7. Senhor—(*Dominus, Dominator*).
8. Filho de Deus—*(Filius Dei vivi*).
9. Filho do homem—(*Filius hominis)*
10. Filho do Altissimo—(*Filius Altissimi vocabitur.*)
11. Cordeiro de Deus—(*Ecce Agnus Dei*).
12. Salvador—(*Natus est vobis hodie Salvator*)
13. Redemptor — (*Scio quod Redemptor meus vivit*).
14. Nazareno—(*Nazareus vocabitur*).
15. Rei dos Judeus—(*I. N. Rex Judeorum).*
16. Filho de David—(*Filius David).*
17. Raiz de Jessé—(*Radix Jessé*).
18. Leão da tribu de Judá — (*Vicit Leo de tribu vudá*),
19. Unigenito e Primogenito — (*Unigenitus filius, Primogenitus*).
20. Mestre—(*Magister, Rabbi),*
21. Bom Pastor—(*Ego sum Pastor bonus).*
22. Principe da Paz—(*Princeps Pacis*).
23. Grande Propheta—*(Propheta magnus).*
24. Sacerdote e Principe segundo a ordem de Melchissedech—(*Sacerdos, Pontifex juxta ordinem Melchissedech*).
25. Anjo do Testamento — (*Angelus Testamenti*).
26. Mediador da Nova Alliança — (*Mediator novi fœderis*).
27. Expectação das Gentes—(*Expectatio Gentium*).
28. Homem Deus—(*Homo Deus*).
29. Pão vivo—*(Panis vivus*).
30. Hostia—(*Victima*).
31. Luz do Mundo—(*Ego sum lux mundi).*
32. Caminho—(*via.*) Porta—(*ostium*). Vida—(*vita*). Verdade—(*veritas*). Justiça—(*justitia*). Sabedoria—(*sapientia).*
33. Creador—*(Creator).*
34. Omnipotente—(*Omnipotens*).
35. Alpha e Omega — (**Principio e fim**—*Ego sum Alpha et Omega, primus et novissimus*).
36. Jehovah—O que foi, é e ha de ser; isto é, o ente sempiterno—(*Ego sum, qui sum*).
37. Tambem lhe chamaram (em grego) *Tetragrammaton* por se escrever o seu nome com quatro lettras, etc.

Notas de sciencia:

Ora até que emfim o ar que respiramos vae ser explorado em favor da sciencia.

Como se sabe, o ar é muito rico em azote, e pensa-se em utilisar este azote como um excellente adubo chimico para as plantas. Entre as mais palpitantes questões que se debateram no Congresso de Chimica em Berlim, a extracção do azote do ar occupou o primeiro logar.

O azote forma as quatro quintas partes da mistura gazosa que respiramos. Para extrahir este precioso elemento já se formou uma sociedade que conta no numero dos seus adherentes casas importantes. Espera esta sociedade com o seu producto remediar as seccas. Adubando-se o terreno com este preparado, a planta deitará solidas e longas raizes, nada receiando depois da falta de chuva.

Resta saber se este novo adubo ficará mais barato que o outro. *That is the question!*

Pensamentos:

A alma vestida da caridade é quasi omnipotente. (Santa Maria Magdalena de Pazzi).

Fazer bem é parecer-se com Deus. (S. Gregorio Nazianzeno).

A prudencia, virtude cardeal, é tão sublime quanto se approxima á da humildade, base de todas, e quanto conduz á da caridade, sua rainha. (* * *).

Quem não sente a mão de Deus nos beneficios a sentirá nos castigos. (S. Jeronimo).

As facilidades e brincos são arrancos da castidade expirando. (S. Jeronimo).

O vaso de barro em que nossa alma está mettida não nos permitte uma perfeição evangelica. (Ganganelli).

Versos escolhidos:

AVE MARIA

Avé, cheia de graça,
O' lyrio de Judá!
Santa Mãe,
Sulamitis gentil,
Perfume de Sabbá,
Nosso bem.

O Senhor é comtigo!
Essas mansões de luz,
Fulgurantes,
Te proclamam Rainha,
Em canticos á flux,
Radiantes.

Bemdita vezes mil
Entre as humanas Evas,
Oh! bemdita;
Ao throno de Deus Pae
Teu filho Jesus levas,
Nossa dita.

Santa Virgem Maria,
O' branca flôr celeste
Do Senhor,
Pede a Deus para nós
O céu que prometteste
Por amor.

N'aquelle dia alfim,
Aurora da procella,
Teu perdão
E' no teu doce olhar
De timida gazella
Salvação.

P.

Humorismos:

Estava um sacerdote respeitavel sentado entre dois mancebos malcreados e esturdios, que, julgando o simplorio, se divertiam a escarnecel-o quasi ás claras.

— Olhem cá, meus meninos, vejo que não sabem muito bem quem eu sou, e desejo que me conheçam: eu não sou nem um fatuo sem educação, nem um malcreado tolo; o meu logar é entre ambos...

RETROSPECTO DA QUINZENA

Novembro, do latim *november*: de *novem*, nove, e do suffixo *ber*, equivalente ao suffixo sanscrito *bhara*, ao grego *phoros*, etc; propriamente que leva, que transporta; da raiz sanscrita *bhar*, levar.

Chamava-se assim, porque no antigo anno romano, que começava em março, com a primavera, elle era o nono mez. Passou a ser o decimo primeiro, já antes da reforma Juliana, e desde então mantém esse logar.

Os romanos haviam collocado novembro sob a protecção de Diana. Ausonio personificava este mez sob a figura de um sacerdote de Isis, vestido de linho alvo, com a cabeça calva ou rapada, apoiado sobre um altar, no qual se vê a cabeça de um cabrito immolado á deusa de quem o mez tinha a invocação. A 15 de novembro celebravam-se, no circo, os *jogos plebeus* que se prolongavam durante tres dias. De 21 a 24, as *Brumaes*, ou festas dos dias de inverno; e a 27 os sacrificios mortuarios.

A Egreja Catholica celebra no dia 2 a commemoração dos finados, ou dos *fieis defunctos*, como melhor se diz. E no dia primeiro celebra a festividade de *Todos os Santos*.

O acontecimento de maior vulto na quinzena passada é incontestavelmente a nomeação de Mons. Merry del Val para o importantissimo cargo de Secretario de Estado de Sua Santidade Pio X.

Merry del Val já era uma figura de saliente destaque no alto clero italiano pelos seus talentos e virtudes, e agora, succedendo a Rampolla na direcção do governo da Egreja, assumiu o verdadeiro logar a que tinha jus. Ainda ha pouco as suas preclaras virtudes e o subido valor do seu espirito foram reconhecidos pelo Sacro Collegio que o nomeou secretario do Conclave. Agora esta ultima nomeação veio confirmar os seus valiosissimos meritos e o muito que ha a esperar de tão elevado e peregrino espirito.

Raphael Merry del Val, que é descendente d'uma nobre familia hespanhola, nasceu em Londres a 10 de outubro de 1865. Fez uma brilhante carreira litteraria em Inglaterra e na Belgica. Mais tarde dirigiu se a Roma onde frequentou a Academia dos Nobres, tornando-se n'essa occasião romano por adopção.

Dentro em pouco mereceu a estima e confiança de Leão XIII, que o nomeou seu camareiro secreto.

O seu apostolico fervor e humildade fizeram com que, accumulado com as suas funcções no Vaticano, exercesse tambem o munus sacerdotal n'uma parochia de Roma.

Rampolla, o eminente secretario de Estado de Leão XIII, notando os subidos predicados de Merry del Val apresentou-o ao Soberano Pontifice para ir ao Canadá regular uma questão importante. Ahi, o joven diplomata, deu as maiores provas de tacto e penetração, designan-

do-o para mais elevadas funcções. A 19 de abril de 1900 era collocado á testa da Academia dos Nobres, ao mesmo tempo que era nomeado arcebispo titular de Nicea.

N'esse logar, evidenciou ainda qualidades superiores, conquistando geraes sympathias, de modo que o Sacro Collegio, na vespera do Conclave, escolheu a Merry del Val, para seu secretario, em successão a Volpini.

Compre-nos agora saudar respeitosamente o novo secretario de Estado, ao mesmo tempo que lhe apresentamos as nossas humillimas homenagens.

——

Não ouvís ao longe o som plangente dos sinos? o sibilar do vento não semelha suspiros? não vos parece ver chorar as plantas? E' o mez de novembro que nos convida á oração pelos mortos! O anno ao entrar na velhice, e proximo a morrer, quer prestar homenagem aos tumulos.

Succede-nos o mesmo quando chega ao meio o nosso outomno, e já se nos antolha o cemiterio em perspectiva; no nosso cerebro accumulam-se então as mais gratas recordações: evocamos os amigos que perdemos e a que prestes nos vamos juntar; no nosso coração toca-se um dobre de finados, para nos advertir da proxima partida.

Parece que temos medo de entrar a sós os humbraes da eternidade, por isso enviamos lagrimas e orações áquelles que foram adeante, para os advertir da nossa chegada.

——

Ao fallar dos progressos que o catholicismo tem effectuado na Inglaterra, chama um jornal inglez a attenção dos seus leitores para o grande numero de catholicos que actualmente representam aquelle paiz nas côrtes estrangeiras.

Assim, entre elles, contam-se os embaixadores inglezes na Austria, Turquia, Hollanda, Portugal, Washington e Roma. E' catholica tambem a esposa do embaixador em Paris.

A imprensa e as sociedades protestantes começam a receiar esta preponderancia do elemento catholico nas côrtes estrangeiras.

——

Continuam a attestar-se brilhantemente as chronicas das missões.

O governo chinez acaba de condecorar com a «penna de pavão», uma das mais altas distincções, o Bispo Faviere e o seu coadjuctor Jarlin. Quatro missionarios francezes receberam tambem o «botão azul», pelos seus serviços na repressão dos boxers. Um jesuita, o Padre Scherer, foi condecorado pela Allemanha com a medalha commemorativa da expedição á China. Foi-lhe entregue pelo almirante Bandissin que lhe disse: «Sua Magestade encarrega-me de lhe entregar esta medalha. E' vontade do Imperador que o exercito seja fiel á religião. O que faz o valor e o vigor da raça allemã é a religião.» Esta condecoração do Padre Scherer provocou um incidente no parlamento allemão. O doutor Spohn, chefe do centro, tirou argumento d'esta distincção para propôr a abolição da lei contra os jesuitas. Dizia elle: «em virtude d'esta lei, um jesuita foi condecorado no estrangeiro por uma cousa que lhe seria prohibida no imperio.»

E' a conhecida coherencia dos que só querem as congregações religiosas no ultramar.

——

Eis uma informação sensacional do *Figaro* que é um jornal muito bem informado:

O imperador Francisco José continúa a consultar os homens publicos mais em evidencia para resolver a crise já declarada ha muito tempo.

Começa-se a fallar com bastante insistencia e com visos de verdade n'um ministerio Zichy. O conde João Zichy é o chefe do partido catholico popular. A crise, que actualmente afflige o velho imperador-rei, tem sido difficilima de resolver. Se por fim fosse encarregado o conde Zichy de formar ministerio seria uma honra para o partido catholico.

——

O Cardeal Richelmy poz-se á frente d'uma empreza para a fundação d'um jornal em Turim—o *Momento*—que dispõe d'um capital de 400:000 francos, e em que figuram varios Bispos, padres e leigos de acção, generosos que comprehendem o alcance d'esta expressão de Pio IX: «A imprensa é obra pia d'uma utilidade soberana.»

O *Momento* terá muitos correspondentes em Roma e n'outras cidades de Italia um excellente serviço de correspondencia e informações do estrangeiro; terá ao seu serviço o telegrapho e telephone. Possue um atelier typographico. Compor-se-ha na linotypia e imprimir-se-ha n'uma machina rotativa. Fará duas edições: uma de tarde ás 6 horas, e outra de manhã ás 3 horas. Rivalisará com os outros jornaes de Turim em tudo.

Eis um exemplo mui digno de imitar.

——

Encetou, em Lisboa, uma serie de conferencias democratico-sociaes o talentoso escriptor e jornalista snr. dr. Arthur Bivar.

Congratulamo-nos immenso com o successo obtido na sua primeira prelecção que, versando sobre o valor theoretico do ideal socialista, mereceu os mais rasgados applausos por parte do numeroso auditorio que o escutava, provocando uma interessantissima polemica contradictoria com alguns socialistas ali presentes.

O novel conferente, porém, ao passo que desenrolava os vastos recursos do seu cabedal scientifico, destruiu por completo a argumentação inane dos seus interlocutores, o que lhe valeu uma victoria completa.

Felicitamos effusivamente o valente e decidido campeão da democracia christã.

——

Vêmos que tem encontrado echo na imprensa o brado que a *Palavra* por vezes levantou a favor do clero parochial, essa prestimosissima classe lançada ao abandono pelos poderes publicos que d'ella só se lembram para a sobrecarregar com pesadissimos tributos.

Sobre a representação do clero de Guimarães, que a *Palavra* publicou, fez o *Seculo* varias considerações sobremaneira justissimas que queriamos vêr perfilhadas por toda a imprensa.

Que os Parochos dos outros concelhos sigam o exemplo do clero de Guimarães e verão como as suas reclamações tão justas como imperiosas serão ouvidas.

A união faz a força.

——

No ultimo numero da excellente revista *Echos de Roma* lêmos o seguinte desmentido:

Podemos absolutamente garantir que a noticia adrede espalhada por varios jornaes liberaes de S. Santidade conhecer apenas a lingua italiana é falsa, falsissima. O Santo Padre falla correctamente o allemão e francez, entende perfeitamente o hespanhol e o inglez; não nos referimos ao latim, porque qualquer sacerdote na Italia o falla correctamente.

Portanto Pio X não terá necessidade alguma de interprete para receber os Prelados estrangeiros, como com segundos fins insinuam as gazetas anti clericaes.

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado. . . . . **2$300** reis
Encadernado. . . . . **3$000** »

A' venda na Typographia do editor **José Fructuoso da Fonseca**—Rua da Picaria, 74—PORTO.

Vade-Mecum do Seminarista

(Traducção livre)

Preço . . . 200 réis

A' venda exclusivamente na Typographia do editor JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina . . . . . 300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . 500 »
Em chagrin, douradas . . . . . 1$000 »

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . **400** reis

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc. . . **250** reis
Douradas . . . **500** »

Vieira-Prégador pelo rev.mo Padre Gonzaga Cabral 2 vol. broch . . . . . 2$000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

O postolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da Quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Cathecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.mo Cardeal Bispo do Porto, 1 vol, broch. 50

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma ordem—Versão do francez pelo Padre J. M R. S.—Com diversas approvações. 1 vol. broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Traducção de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Traducção franceza pelo Ex.mo Snr. Conde de Samodães—Com um breve de S S. Leão XIII, e approvado e recommendado pelo Em.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch 200

A Mãe segundo a vontade de Deus. pelo Abbade J. Berthier M. S —Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.mo Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1$000 réis. Um exemplar. 20

Bento José Labre – Tributo de respeito no seu primeiro centenario, por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—Com approvação do Em.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol, broch. 400

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando —Com aprovação do Em.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.mo Snr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. 400

A Questão dos Jesuitas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. 600

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertiod do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. . . . 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Egreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 . . . 10

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Traducção approvada pelo Em.mo Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portuguez . . 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Traducção approvada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 10

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um grosso vol, broch., 700, enc. 900

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

Summario do Registo Parochial

POR

Antonio José Lopes da Luz

Vigario de Candelaria, Ponte Delgada, Açores

Preço 400 reis

Pedidos a Monsenhor Elviro dos Santos, Prior de Santa Engracia—LISBOA.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105 – BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.